

## MERCADO DE TRABALHO

# Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas<sup>1</sup>

## Sumário

O desempenho recente dos principais indicadores revela que a retomada do mercado de brasileiro se intensificou no último trimestre. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, apesar do contingente elevado de desempregados – 13,5 milhões –, a taxa de desocupação vem recuando gradativamente, de modo que, após a dessazonalização, a taxa apurada de 12,5% atingiu o menor nível desde o trimestre móvel encerrado em abril de 2020. As estatísticas revelam também que esta queda do desemprego ocorre de modo generalizado, abrangendo todas as regiões e praticamente todos os segmentos etários e educacionais. Entretanto, mesmo diante de dados positivos, a situação do mercado de trabalho ainda é bastante desafiadora. A taxa de desocupação, embora em queda, ainda está em patamar elevado, assim como a proporção de subocupados – 8,2% da ocupação total. Além disso, 29% dos desocupados estão nesta situação há mais de dois anos.

A melhora da desocupação é resultado de uma expansão significativa da população ocupada, que avançou 11,4%, no terceiro trimestre, na comparação interanual, superando o ritmo de crescimento da força de trabalho (8,6%). Adicionalmente, a análise dos fluxos de transição extraídos dos microdados da PNAD Contínua mostra que a evolução do fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação no terceiro trimestre de 2021 pode ser considerado o único fator responsável pelo ritmo maior de crescimento da população ocupada no terceiro trimestre de 2021 em comparação com o segundo trimestre. Enquanto o fluxo de saída de trabalhadores da ocupação permanece fixo, em torno de 40%, indicando uma estabilidade no número de demissões, o fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação aumenta de 53,3% para 55,4% entre o segundo e o terceiro trimestre desse ano, sinalizando uma expansão das contratações no período. Deve-se registrar, no entanto, que parte desta melhora da população ocupada pode estar associada a ajustes feitos pelo IBGE, seja na quantidade de entrevistas ou nos fatores de expansão, em virtude dos desafios impostos pela pandemia, tendo em vista que os fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade registram no terceiro trimestre de 2021 valores muito próximos aos apontados no primeiro trimestre deste ano.

### **Maria Andréia Parente Lameiras**

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

### **Carlos Henrique Corseuil**

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

### **Lauro Ramos**

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

### **Felipe Mendonça Russo**

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 21 de dezembro de 2021.

1. Os autores agradecem a bolsista da Disoc do Ipea Gabriela Padiha pelos relevantes comentários e pelas sugestões realizadas.

Há de se pontuar também que o crescimento da ocupação vem ocorrendo de modo mais intenso nos setores informais, refletindo, especialmente, retomada a dos serviços mais beneficiados com o relaxamento das medidas de restrição social. Segundo a PNAD Contínua, no terceiro trimestre do ano, na comparação interanual, o número de trabalhadores sem carteira e por conta própria registraram alta de 23,1% e 18,4%, respectivamente, enquanto os empregos com carteira assinada apresentaram um desempenho mais moderado (8,6%). Assim como o IBGE, os dados do Novo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) mostram uma expansão similar da ocupação formal, cujo estoque de trabalhadores com carteira no país avançou 7,2% entre outubro de 2020 e 2021, repercutido a geração de aproximadamente 2,9 milhões de vagas com carteira nos últimos doze meses.

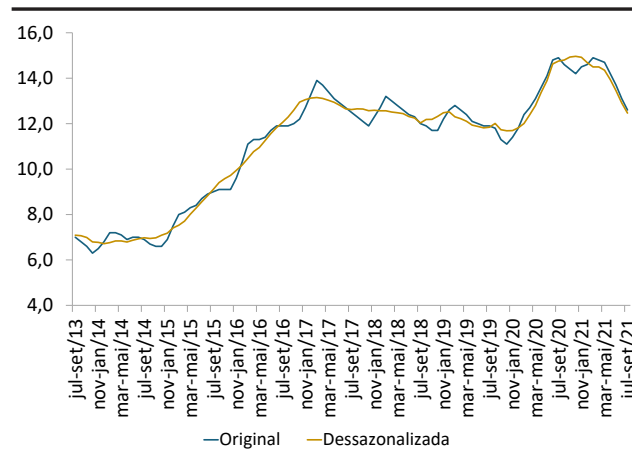
Essa melhora das condições do mercado de trabalho, impactada pela aceleração do ritmo de criação de empregos nos últimos meses, pode ser apontada como o principal fator de redução do desalento no país. De acordo com a pesquisa do IBGE, o contingente de desalentados passou de 5,8 milhões para 5,1 milhões entre 2020 e 2021. Em relação ao total da população em idade ativa (PIA), a proporção de desalentados recuou de 3,5% para 3,0% no mesmo período.

## 1 Aspectos gerais

Os dados mais recentes revelam que, embora o mercado de trabalho brasileiro ainda se encontre em patamares pouco favoráveis, a melhora do dinamismo do emprego no país vem se acentuando nos últimos meses, gerando efeitos positivos sobre a redução da taxa de desocupação. De acordo com a PNAD Contínua, após atingir o maior nível da série no primeiro trimestre de 2021 (14,9%), a taxa de desocupação veio recuando sistematicamente, de modo que no terceiro trimestre já estava em 12,6% (gráfico 1). Da mesma forma, os dados dessazonalizados mostram que a desocupação no terceiro trimestre deste ano (12,5%) é a menor desde o trimestre móvel encerrado em abril de 2020.

A desaceleração da taxa de desocupação vem sendo possibilitada pelo aumento no ritmo de crescimento da população ocupada, cujo contingente apresentou, no terceiro trimestre, uma expansão de 11,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Nota-se, entretanto, que apesar da robustez desta taxa de variação interanual, há um efeito base que não pode ser ignorado, tendo em vista que, por conta da pandemia, o contingente de ocupados no terceiro trimestre de 2020 havia se reduzido consideravelmente. Por certo, na comparação com o terceiro trimestre de 2019, a ocupação ainda aponta retração de 1,9%. De acordo com os dados dessazonalizados (gráfico 2), o total de ocupados no país, terceiro trimestre, é de 92,7 milhões, o que vem a ser o maior montante desde o primeiro trimestre de 2020.

GRÁFICO 1  
Taxa de desocupação: original e dessazonalizada  
(Em %)

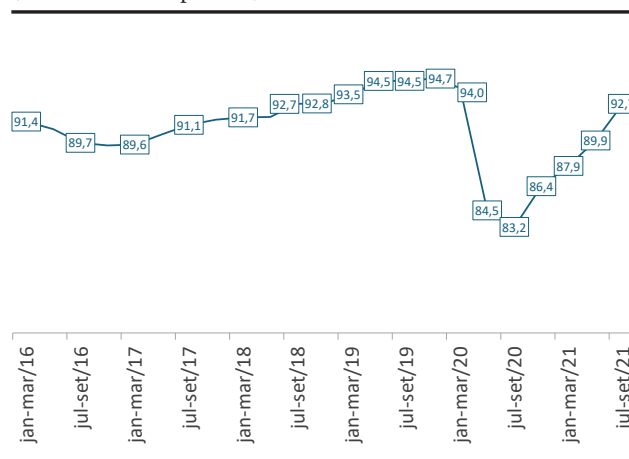


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

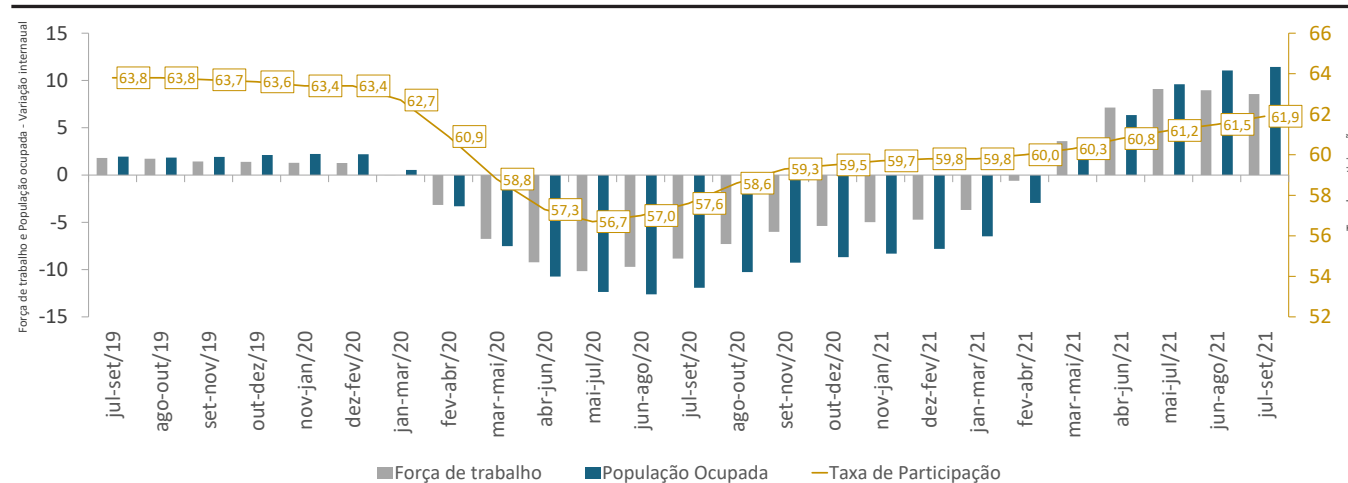
Deve-se ressaltar ainda que parte do impacto do crescimento da população ocupada sobre a redução da desocupação vem sendo anulado pelo aumento da pressão exercida pela taxa de participação, que avançou de 57,6% no terceiro trimestre de 2020 para 61,9% no mesmo período de 2021 (gráfico 3). Essa aceleração da taxa de participação é reflexo da expansão de 8,6% da força de trabalho neste período, impulsionada pelo retorno de uma parcela de indivíduos que haviam saído do mercado por conta da pandemia. Nota-se também que, ao contrário da ocupação, a força de trabalho já se encontra em patamar superior ao observado no período pré-pandemia. Após o ajuste sazonal dos dados da PNAD Contínua, verifica-se que, no terceiro trimestre de 2021, a força de trabalho no país era composta por aproximadamente 107 milhões de pessoas, o que vem a ser o maior contingente desde o trimestre móvel encerrado em novembro de 2019.

GRÁFICO 2  
População ocupada: dados dessazonalizados  
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3  
Indicadores do mercado de trabalho  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Disoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

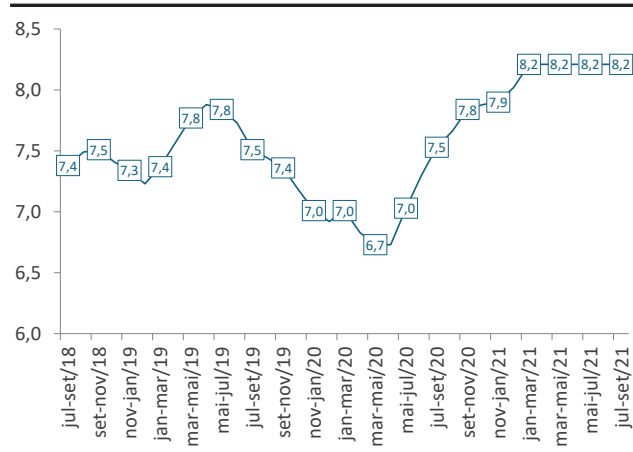
Dentro dessa perspectiva, embora a tendência para os próximos meses seja de uma recomposição menos intensa da força de trabalho, o efeito dessa desaceleração sobre o recuo da taxa de desocupação pode ser amenizado pela expectativa de um crescimento menos acentuado da ocupação em 2022, refletindo um desempenho mais moderado da atividade econômica.

Adicionalmente, o elevado número de subocupados também pode constituir-se em um limitador à queda da desocupação, tendo em vista que, antes de abrir uma nova vaga, há a possibilidade de estender a jornada de trabalho de indivíduos já ocupados. O percentual da população ocupada que se declarava subocupada<sup>2</sup> perma-

2. Por definição, são considerados subocupados os indivíduos que trabalham menos de 40 horas semanais, mas que teriam disponibilidade e gostariam de trabalhar mais horas.

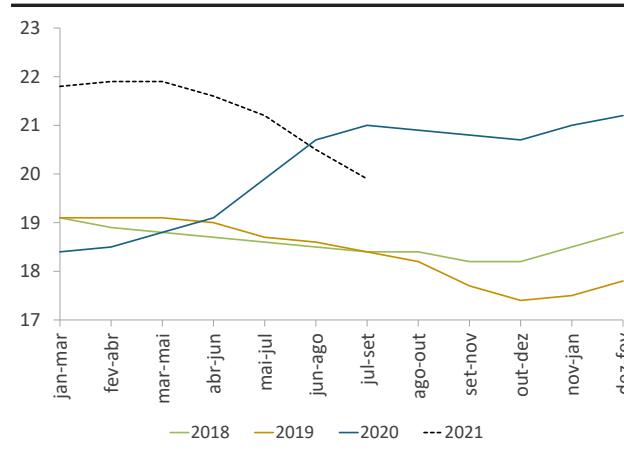
nece no maior nível da série (8,2%) desde o início de 2021 (gráfico 4). Conseqüentemente, apesar de registrar desaceleração, na margem, a taxa combinada de desocupação e subocupação ainda se mantém em patamar elevado, bem acima dos registrados nos anos anteriores à pandemia (gráfico 5).

**GRÁFICO 4**  
**Subocupados em relação à população ocupada total**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

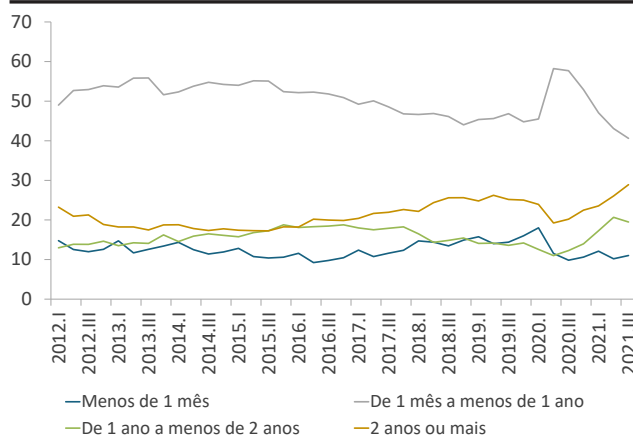
**GRÁFICO 5**  
**Taxa combinada de desocupação e subocupação**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

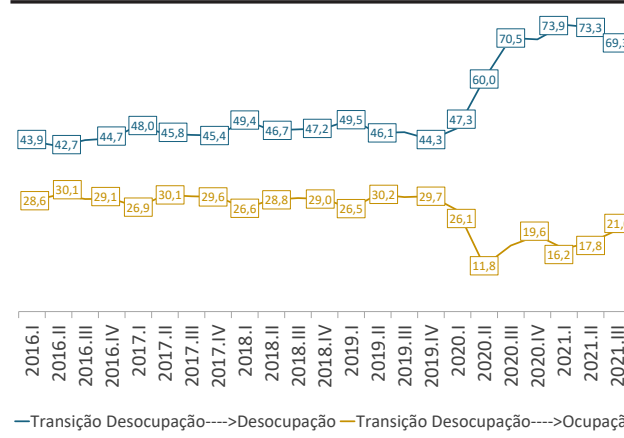
Em conjunção ao elevado patamar da desocupação e da subocupação, o aumento do tempo de permanência no desemprego se torna mais um indício de que a situação do mercado de trabalho continua desafiadora. No terceiro trimestre de 2021, a proporção de desempregados que estava nesta situação há mais de dois anos chegou a 29%, atingindo o maior patamar da série (gráfico 6). De forma análoga, os microdados de transição revelam que, embora a parcela de trabalhadores desocupados que estavam nesta situação por dois trimestres consecutivos tenha recuado de 73,3% para 69,3%, entre o segundo e o terceiro trimestre de 2021, este percentual ainda se encontra em patamares bem elevados (gráfico 7). Todavia, mesmo diante da aceleração na proporção de desempregados que obtiveram uma colocação no trimestre subsequente – de 17,8% para 21,0% –, esta parcela ainda é bem inferior às registradas no passado.

**GRÁFICO 6**  
**Desocupados por tempo de procura de trabalho**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 7**  
**Transições de desocupados**  
(Em %)

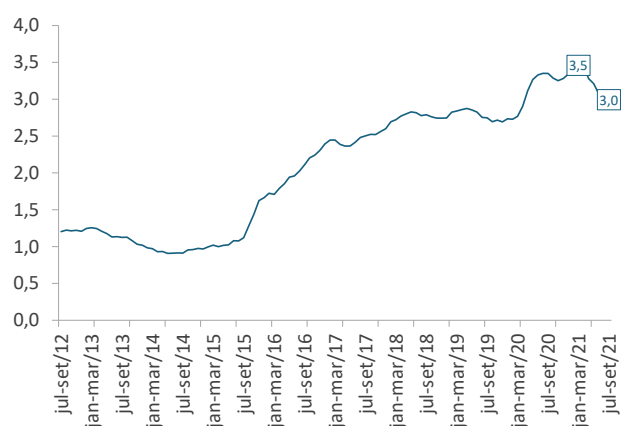


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Assim como os microdados mostram uma leve melhora da transição dos desempregados para a ocupação no terceiro trimestre, as estatísticas de desalento também apresentam um desempenho mais favorável nos últimos meses. No terceiro trimestre, o contingente de desalentados no país somava aproximadamente 5,1 milhões – abaixo, portanto, do apontado no mesmo período do ano anterior (5,8 milhões). Em relação ao total da PIA, a proporção de desalentados recuou de 3,5% para 3,0%, entre 2020 e 2021 (gráfico 8).

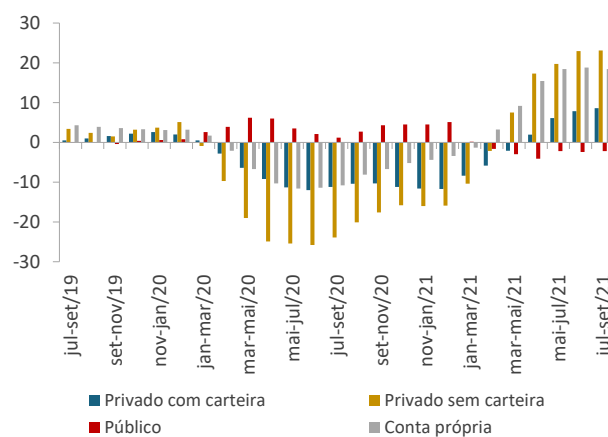
A queda do desalento é decorrente de uma percepção mais favorável sobre as condições o mercado de trabalho, que, por sua vez, está diretamente relacionada à expansão da ocupação. Deve-se salientar, no entanto, que o crescimento da população ocupada vem ocorrendo de forma assimétrica, sendo mais intenso nos segmentos informais. No terceiro trimestre de 2021, na comparação interanual, o número de trabalhadores sem carteira e por conta própria registraram alta de 23,1% e 18,4%, respectivamente. Já os empregos com carteira assinada apresentaram um desempenho mais moderado, com taxa de crescimento de 8,6% na mesma base de comparação (gráfico 9). O destaque negativo fica por conta do emprego no setor público, que aponta taxas de variação negativas desde o início do ano.

**GRÁFICO 8**  
**Desalentados em relação à PIA**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 9**  
**População ocupada por vínculo empregatício (taxa de variação interanual)**  
(Em %)

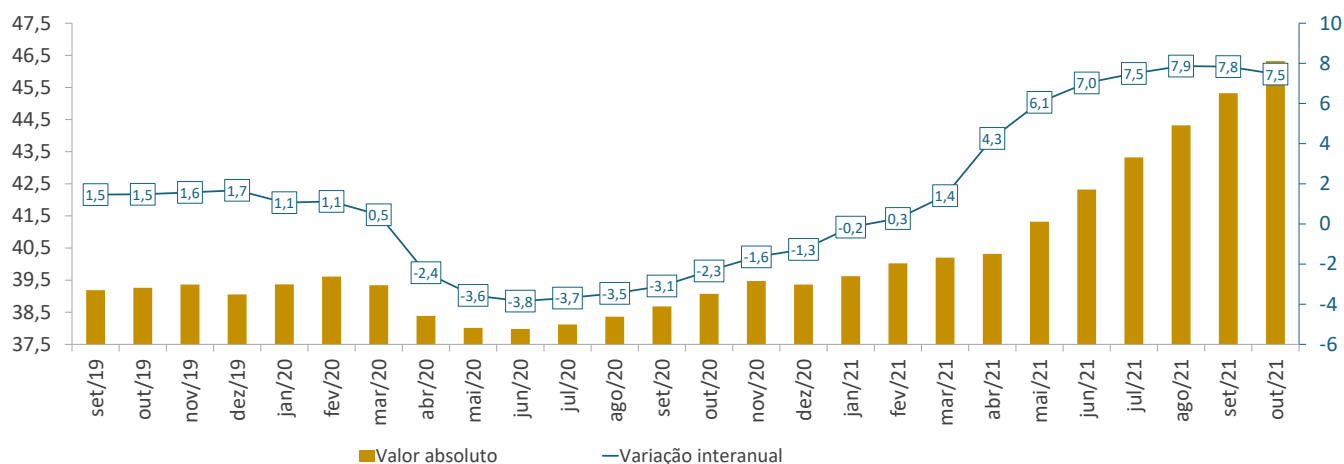


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Apesar de expressivo, esse crescimento do emprego informal já era esperado, tendo em vista que, com o controle da pandemia, os setores mais intensivos neste tipo de mão de obra (comércio e serviços) estão retomando suas atividades e gerando, por conseguinte, novos postos de trabalho. Em contrapartida, como o emprego formal foi menos atingido, o seu ritmo de expansão tende a ser mais ameno, mesmo em um contexto de recuperação econômica. Assim como na PNAD, os dados do Novo Caged também sinalizam um comportamento favorável do emprego com carteira. Segundo o cadastro do Ministério do Trabalho, no acumulado do ano, até outubro, a economia brasileira gerou aproximadamente 2,65 milhões de novas vagas com carteira assinada. Desta forma, o estoque de trabalhadores formais medido pelo Caged atingiu a 41,2 milhões, em outubro, avançando 7,5% na comparação com o mesmo mês do ano anterior (gráfico 10).

GRÁFICO 10

**Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (Em %)**



Fonte: Caged/Secretaria de Trabalho.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

A estrutura da PNAD Contínua permite que domicílios e seus moradores sejam entrevistados por até cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. A comparação da informação fornecida em duas entrevistas consecutivas pode ser muito útil para entender os ajustes observados no mercado de trabalho, na medida em que permite quantificar as transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos nesse mercado.<sup>3</sup>

A análise dessa seção é baseada exatamente nessas transições. Antes de expor os resultados, vale reforçar algumas questões metodológicas que se tornaram importantes desde a chegada da pandemia e que já foram apontadas no número anterior da *Carta de Conjuntura*. Em meados de março de 2020, o IBGE se viu impedido de realizar as entrevistas presenciais para a PNAD Contínua. Conforme detalhado em Corseuil e Russo,<sup>4</sup> isso trouxe uma redução considerável no número de entrevistas realizadas, principalmente entre indivíduos que seriam entrevistados pela primeira vez no segundo trimestre de 2020, mas também em algum grau relevante para indivíduos que realizariam entrevistas subsequentes. As consequências desse fato repercutem para além do segundo trimestre de 2020, e exercem certa influência na análise que segue.<sup>5</sup>

### 2.1. Fluxos determinantes para ocupação

Os próximos gráficos são construídos a partir dos fluxos de trabalhadores entre diferentes posições no mercado de trabalho, identificados por entrevistas consecutivas de indivíduos amostrados na PNAD Contínua, normalizados pela população ocupada estimada do trimestre anterior do grupo sob análise. Dessa forma, busca-se mostrar a importância desses fluxos na variação trimestral registrada por essas populações.

3. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foi usado também o gênero e data de nascimento dos entrevistados.

4. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210318\\_cc\\_50\\_nota\\_22\\_amostra\\_da\\_pnad\\_continua.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210318_cc_50_nota_22_amostra_da_pnad_continua.pdf)>.

5. A nova ponderação dos dados da PNAD Contínua disponibilizada pelo IBGE, utilizada na box 1 e em nossos resultados, não elimina esse problema.

O gráfico 11 mostra os fluxos de entrada e saída para a população ocupada estimada.<sup>6</sup> A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, à variação trimestral estimada da população ocupada. Por ele é possível verificar dois fatos interessantes relativos à evolução de ambos os componentes registrada no terceiro trimestre de 2021. Em primeiro lugar, o fluxo de entrada na ocupação, que registra 55,4% no terceiro trimestre de 2021, supera em larga magnitude o de saída da ocupação, que registra exatos 40% nesse mesmo trimestre. Essa diferença amplamente favorável ao fluxo de entrada resulta em uma significativa expansão da população ocupada.

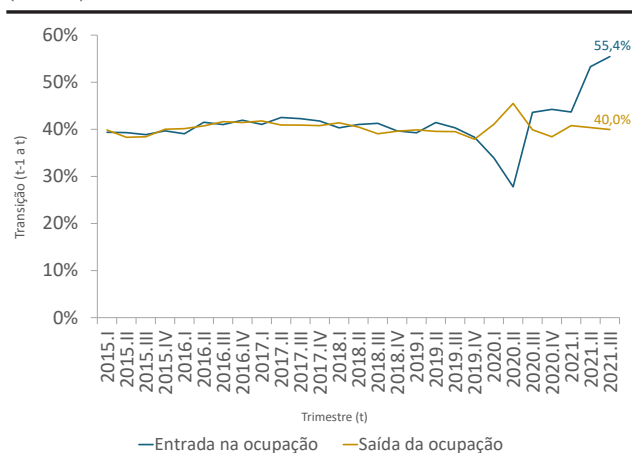
O segundo fato digno de nota é que a evolução do fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação no terceiro trimestre de 2021 pode ser considerado o único fator responsável pelo ritmo maior de crescimento da população ocupada no terceiro trimestre de 2021, em comparação com o segundo trimestre. Enquanto o fluxo de saída de trabalhadores da ocupação permanece fixo (em torno de 40% nesse período), o fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação aumenta de 53,3% para 55,4% entre o segundo e o terceiro trimestre desse ano.

Na nota de mercado de trabalho da *Carta de Conjuntura* nº 52,<sup>7</sup> que tinha como foco o segundo trimestre de 2021, notamos que o aumento já registrado naquela ocasião do fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação não era proveniente de trabalhadores oriundo do desemprego ou da inatividade, e sim proveniente de um termo residual que reflete oscilações nas entradas e saídas da amostra, bem como ajustes no fator de expansão de indivíduos que permanecem na amostra.

Com base em tal motivação ilustramos no gráfico 12 a evolução dos componentes do fluxo de entrada dos trabalhadores na ocupação. Os resultados confirmam que o aumento do fluxo de entrada na ocupação, tanto no terceiro como no segundo trimestre de 2021, se deve exclusivamente a um aumento registrado para o componente residual. Os fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade registram no terceiro trimestre de 2021 os mesmos valores que registravam no primeiro trimestre desse ano.

Ou seja, é preciso ter cautela em relação ao aumento recente registrado para a população ocupada, haja vista que há indícios de que parte desse movimento pode ser resultado de ajustes feitos pelo IBGE na quantidade de entrevistas ou nos fatores de expansão em virtude dos desafios impostos pela pandemia no que se refere à dificuldade de entrevistar as pessoas. É importante frisar que chegamos a essa conclusão usando os dados com a última ponderação disponibilizada pelo IBGE.

GRÁFICO 11  
Fluxos de saída e entrada para ocupação após o primeiro trimestre  
(Em %)



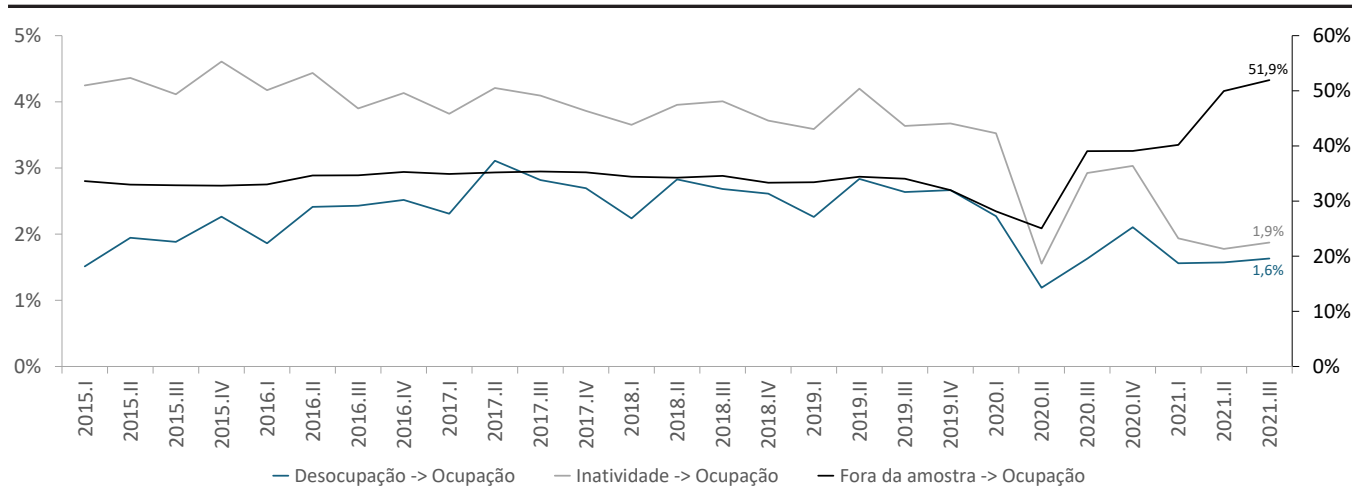
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entram na amostra como ocupados e indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram ocupados e saíram da amostra e aqueles que transitaram da ocupação para não ocupação.

6. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, ele é acrescido na série das entradas, quando for negativo, na série das saídas.

7. Disponível em: < <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/09/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-2/>>.

**GRÁFICO 12**  
**Decomposição das entradas para ocupação após o primeiro trimestre**  
 (Em %)



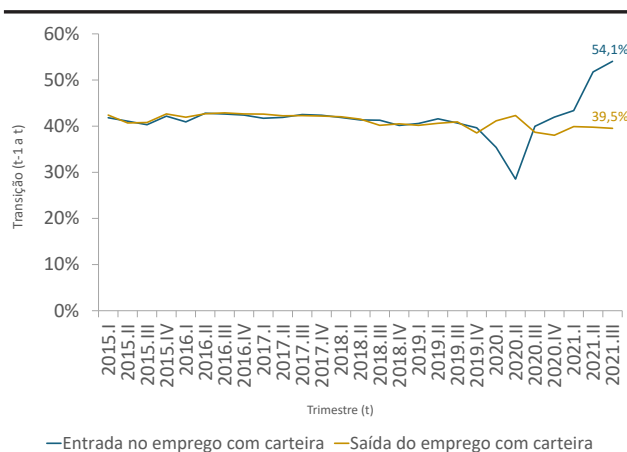
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2.2. Fluxos determinantes para empregados formais

O gráfico 13 mostra fluxos de entrada e saída de trabalhadores de forma análoga ao exposto no gráfico 11, mas agora restrito a empregados com carteira, estatutários e militares, que serão chamados de empregados formais. Os dados confirmam que os mesmos dois fatos destacados para a evolução da ocupação total no segundo trimestre de 2021 também se evidenciam para a evolução do emprego formal. Em primeiro lugar, o fluxo de trabalhadores que entram numa ocupação formal supera significativamente o correspondente fluxo de saída no terceiro trimestre de 2021. Em segundo lugar, há um aumento no fluxo de entrada no segmento formal do mercado de trabalho entre o segundo e o terceiro trimestre de 2021, enquanto o fluxo de saída permaneceu constante nesse mesmo período.

Como na análise da população ocupada total, também desagregamos a evolução do fluxo de entrada no segmento formal do mercado de trabalho. Os resultados expostos no gráfico 14 confirmam que o aumento recente nesse fluxo de entrada também é motivado por um aumento no componente residual. Dessa forma, cabe aqui na análise da evolução do emprego formal o mesmo tom de cautela que sugerimos ao analisar o aumento da população ocupada.

**GRÁFICO 13**  
**Fluxos de entrada e saída do emprego formal após o primeiro trimestre**  
 (Em %)

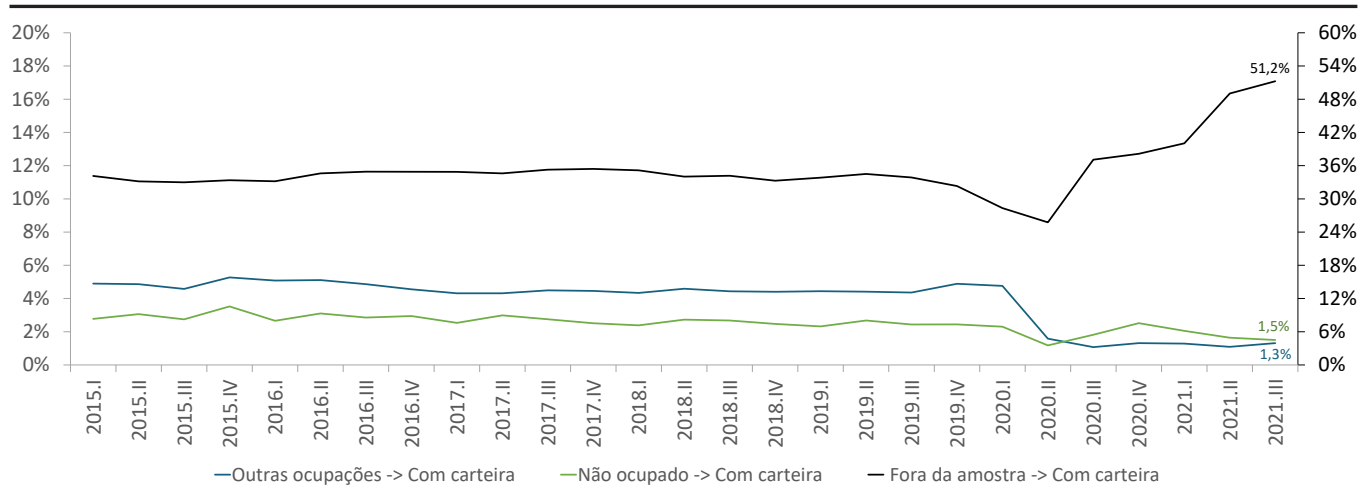


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como formais e indivíduos que transitaram da não formalidade para formalidade. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram formais e saíram da amostra e indivíduos que transitaram da formalidade para não formalidade.



GRÁFICO 14

**Decomposição do fluxo de entrada para empregados formais após o primeiro trimestre**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/ IBGE.

Obs.: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

Outra forma de se analisar os fluxos relativos à população de trabalhadores formais é a utilização dos dados do Caged. O gráfico 15 mostra essas movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua. Deve ser observado que, após 2020, a forma de obtenção desses dados mudou e a publicação passou a se chamar Novo Caged, o que é representado no gráfico com a linha pontilhada.

## Box 1

### Revisões nas principais fontes de informação do mercado de trabalho

Nossa análise conjuntural do mercado de trabalho se baseia fortemente em duas fontes de informações: a PNAD Contínua, do IBGE, e o CAGED, do Ministério do Trabalho e Previdência. No dia 30 de novembro tivemos a mais recente disponibilização de dados para essas duas fontes e, em ambos os casos, os dados divulgados trazem revisões metodológicas que afetaram não apenas a informação mais recente, mas também a série histórica que aqui utilizamos para contextualizar a evolução mais recente dos indicadores que analisamos.

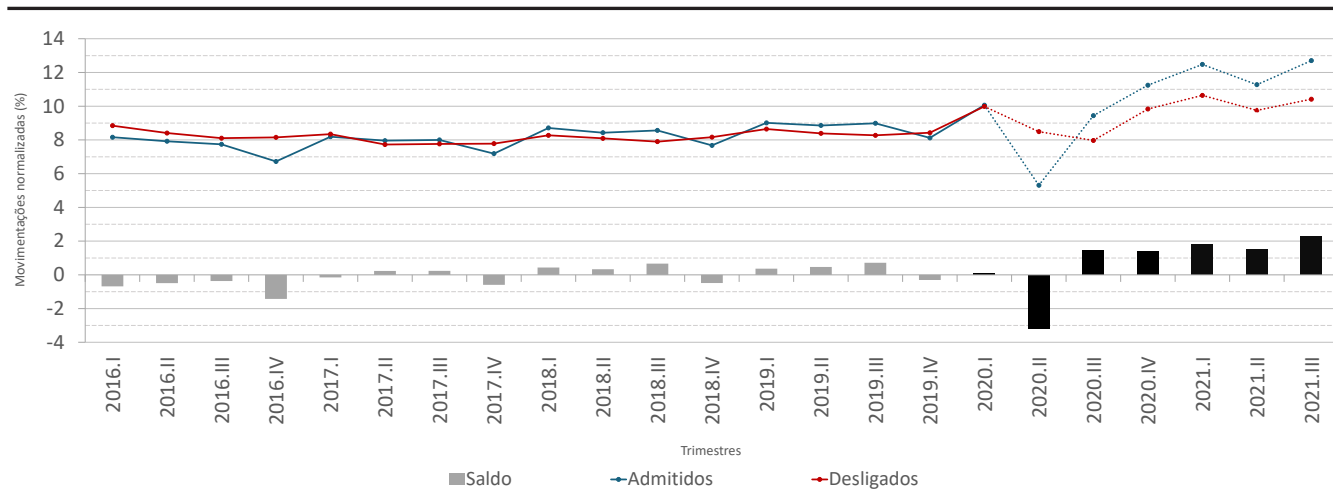
Dessa forma, alertamos o leitor que a evolução que reportamos para vários indicadores pode diferir daquelas reportadas em textos das edições anteriores da *Carta de Conjuntura* em função das referidas revisões dos dados.

Ambas as instituições provedoras dos dados divulgaram textos justificando e explicando em detalhes as mudanças implementadas. O texto referente à PNAD Contínua está disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101882.pdf>>, enquanto o texto referente ao Caged está disponível em <[http://pdet.mte.gov.br/images/Novo\\_CAGED/Out2021/Nota\\_T%C3%A9cnica\\_Novo\\_Caged\\_11-2021.pdf](http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Out2021/Nota_T%C3%A9cnica_Novo_Caged_11-2021.pdf)>.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Conforme observado na PNAD Contínua, o fluxo de entrada no emprego formal (admissões) supera o fluxo de saídas (desligamentos) no terceiro trimestre de 2021 (14,8% contra 12,6%). Além disso, o padrão reportado pelo Caged para o emprego formal traz mais uma semelhança com o reportado pela PNAD Contínua: o aumento no fluxo das admissões entre o segundo e terceiro trimestre de 2021. Esse fato atenua, mas não elimina, a necessidade de um tom cauteloso sugerido para interpretar o aumento da ocupação formal na PNAD Contínua.

**GRÁFICO 15**  
**Vínculos admitidos, desligados e saldo trimestralizados do Caged**  
 (Em %)



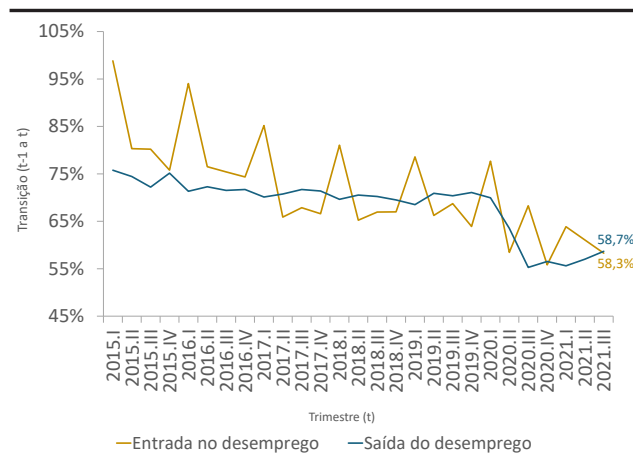
Fonte: Caged e Novo Caged/ Secretaria do Trabalho, Ministério da Economia; PNAD Contínua/ IBGE.  
 Obs.: As movimentações do Caged e Novo Caged foram normalizadas utilizando a população estimada de empregados formais (com carteira, estatutários e militares), do trimestre anterior.

### 2.3. Fluxos determinantes para a desocupação

O gráfico 16 mostra a evolução dos fluxos que determinam o comportamento da desocupação. Percebe-se que há uma queda no fluxo de entrada no desemprego no terceiro trimestre, dando continuidade a um movimento já detectado no segundo trimestre. Como resultado, o terceiro trimestre de 2021 marca o primeiro ponto do ano, onde o fluxo de entrada no desemprego (58,3%) registra um valor menor que o fluxo de saída (58,7%), algo que entre 2017 e 2019 já vinha ocorrendo nos respectivos segundos trimestres.

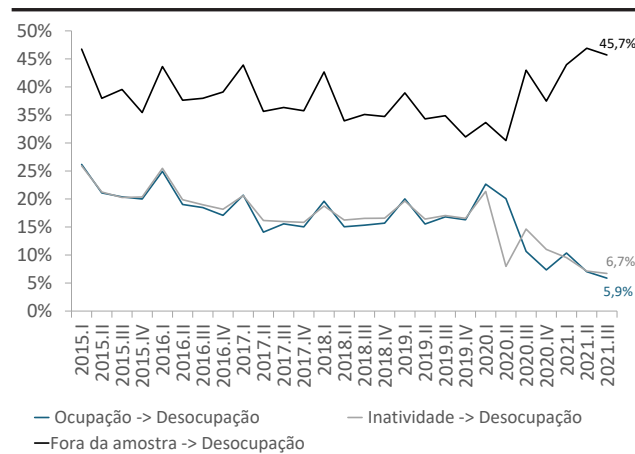
Para uma melhor compreensão desse movimento de queda no fluxo de entrada de trabalhadores no desemprego, analisamos a evolução de seus componentes por meio do gráfico 17. É possível notar que os três componentes representados no gráfico contribuem para a queda do fluxo de entrada no desemprego supracitado. Ou seja, diferente do que foi analisado nos fluxos de entrada para ocupação e emprego formal, o movimento destacado no fluxo de entrada para o desemprego não se deve apenas ao termo residual. Os fluxos provenientes da inatividade e da ocupação também contribuem para a queda no fluxo de entrada para o desemprego no terceiro trimestre de 2021.

**GRÁFICO 16**  
**Transições para dentro e fora do desemprego após o primeiro trimestre**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 17**  
**Transições para dentro do desemprego após o primeiro trimestre**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Análise desagregada da desocupação

A análise dos dados desagregados extraídos da PNAD Contínua trimestral revela que, no terceiro trimestre de 2021, todos os segmentos pesquisados apresentaram queda nas respectivas taxas de desocupação, tanto na margem, quanto na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior (tabela 1). A exceção está no subgrupo dos trabalhadores com mais de 60 anos, cuja taxa de desocupação registrou leve alta (0,01 p.p.) entre 2020 e 2021.

Na abertura regional, a pesquisa mostra que o desemprego recuou consideravelmente em todas as regiões do país, na comparação interanual, com destaque para o Centro-Oeste e o Sul, cujas taxa de desocupação no terceiro trimestre de 2021 já se encontram abaixo das observadas neste mesmo período de 2019, ou seja, antes da pandemia. Em termos absolutos, as maiores taxas de desocupação foram verificadas em Pernambuco (19,3%), Bahia (18,3%), Alagoas (17,1%) e Sergipe (17,0%). Em relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 17,7% e 12,7% em 2020 para 14,9% e 10,9% em 2021.

Os dados por gênero apontam que, embora tenha ocorrido queda da desocupação para ambos os sexos, esta foi mais intensa entre os homens. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, enquanto a desocupação masculina recuou de 12,9% para 10,1% (-22%), o desemprego entre as mulheres passou de 17,5% para 15,9% (-9%). Nota-se aqui que o desemprego entre os homens já se encontra em nível muito próximo ao observado no período pré-pandemia, tendo em vista que, no terceiro trimestre de 2019, a taxa apontada era de 10,0%. O corte por posição familiar indica uma desaceleração da taxa de desemprego nos dois grupos, sendo que a desocupação dos não chefes de família (15,7%) se mantém bem acima da registrada entre os chefes de família (8,7%).

Os dados por faixa etária mostram que, à exceção dos trabalhadores acima de 60 anos, cuja desocupação vem se mantendo estável no período recente, todos os demais segmentos apontaram desaceleração das suas taxas de desemprego no terceiro trimestre.

TABELA 1  
Taxa de desemprego  
(Em %)

	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.
<b>Brasil</b>	<b>12,8</b>	<b>12,1</b>	<b>11,9</b>	<b>11,1</b>	<b>12,4</b>	<b>13,6</b>	<b>14,9</b>	<b>14,2</b>	<b>14,9</b>	<b>14,2</b>	<b>12,6</b>
Centro Oeste	10,9	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8
Nordeste	15,4	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4
Norte	13,2	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0
Sudeste	13,3	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1
Sul	8,2	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5
Masculino	10,9	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1
Feminino	15,3	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9
18 a 24 anos	26,6	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7
25 a 39 anos	11,7	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5
40 a 59 anos	7,5	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2
Mais de 60 anos	4,5	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4
Não de Chefe Família	16,7	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7
Chefe de Família	8,0	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7
Fundamental Incompleto	11,6	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1
Fundamental Completo	14,1	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0
Médio Incompleto	21,9	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1
Médio Completo	14,5	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4
Superior	8,6	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2
Região Metropolitana	14,4	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9
Não Região Metropolitana	11,7	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9

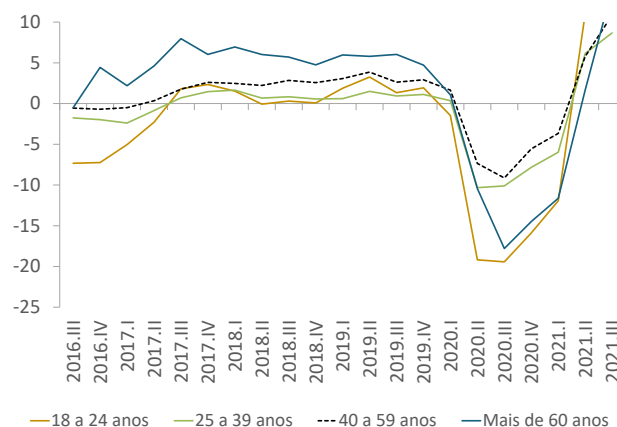
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota-se que, no caso desses trabalhadores mais idosos, esta estabilidade da taxa de desemprego ocorre mesmo em um contexto de forte alta da ocupação (gráfico 18), cujo efeito da expansão interanual de 14,1% sobre a redução da desocupação foi anulado pelo crescimento de 14,2% da força de trabalho (gráfico 19). No caso dos mais jovens observa-se, entretanto, que, apesar de também apresentarem uma elevação significativa da população economicamente ativa (PEA) (10,7%), o expressivo aumento de 18,5% da população ocupada fez com que a taxa de desocupação deste grupo recuasse de 30,6% no terceiro trimestre de 2020 para 25,7% no mesmo período de 2021.

Por fim, a desagregação por grau de escolaridade também sinaliza uma queda generalizada da desocupação

GRÁFICO 18  
População Ocupada - por faixa etária  
(Variação interanual, em %)

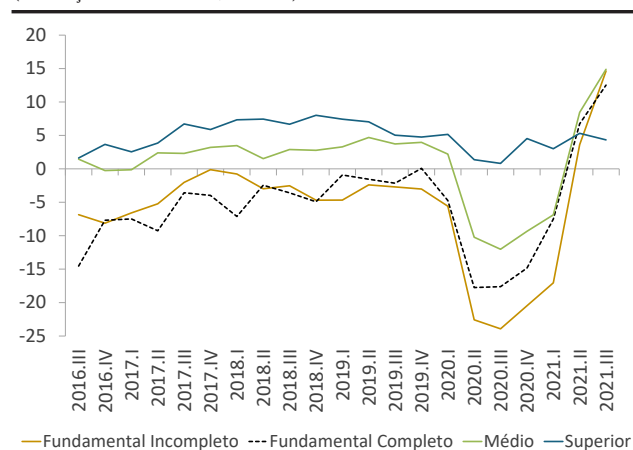


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

no terceiro trimestre de 2021, refletindo uma expansão da ocupação (gráfico 20) em ritmo superior ao observado na foça de trabalho (gráfico 21) para todos os níveis de instrução. Registra-se ainda que, embora seja o segmento a apresentar a maior taxa de desemprego (20,1%), a ocupação dos trabalhadores com ensino médio foi a que mais cresceu no terceiro trimestre (14,9%), o que possibilitou um recuo de 4,0 pontos percentuais (p.p.) da desocupação entre 2020 e 2021, mesmo em um cenário de alta de 11,0% da força de trabalho no período. Em contrapartida, os trabalhadores com ensino superior foram os que apontaram a menor expansão da ocupação (4,3%). No entanto, como a alta da PEA deste segmento foi de 3,1%, no período, a taxa de desemprego deste grupo recuou de 9,3% para 8,2%, na comparação interanual.

**GRÁFICO 20**  
**População Ocupada - por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)

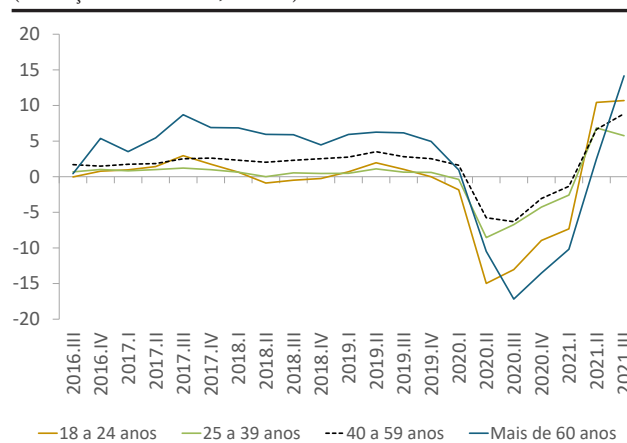


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4 Emprego setorial

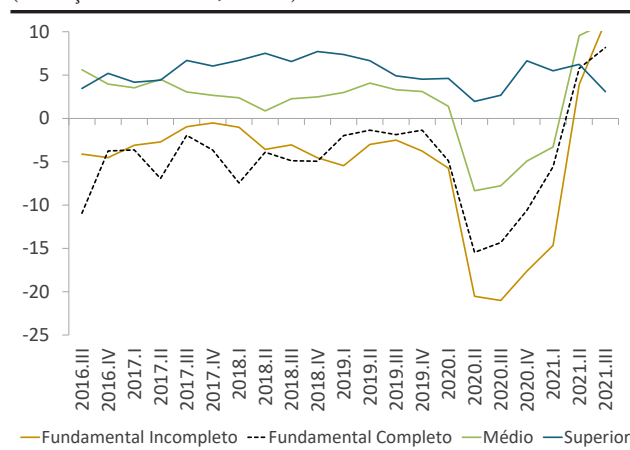
A análise da evolução da população ocupada por setor de atividade mostra que, na comparação entre os terceiros trimestres de 2020 e 2021, onze dos treze setores apresentaram saldos positivos (tabela 2). Adicionalmente, nota-se que sete deles obtiveram um crescimento maior que 10%, sinalizando que a recuperação da ocupação não se restringe a um conjunto limitado de setores. O destaque fica por conta do setor de alojamento e alimentação, que registrou um crescimento anual da população ocupada de 26,5% no terceiro trimestre de 2021. Também são dignas de nota as evoluções para os setores de serviços domésticos (21,3%) e construção civil (20,1%), que também registraram taxas de crescimento anual da população ocupada acima de 20% no terceiro trimestre de 2021.

**GRÁFICO 19**  
**População Economicamente Ativa - por faixa etária**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 21**  
**População Economicamente Ativa - por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2  
População ocupada por setores: variação interanual  
(Em %)

	3º trim. 2019	4º trim. 2019	1º trim. 2020	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021
Agricultura	-1,8	-0,4	-1,7	-7,8	-2,7	2,1	3,6	11,2	9,7
Indústria transformação	1,7	3,2	1,6	-9,9	-10,5	-7,3	-5,2	5,3	12,8
Indústria extrativa	-0,2	10,4	11,0	9,7	-4,9	-11,3	-11,6	-4,8	5,0
SIUP	10,3	5,0	4,0	-10,6	-16,5	-26,3	-19,2	-18,6	-13,0
Construção civil	1,5	0,1	-2,3	-18,8	-14,7	-9,3	-2,5	22,2	20,1
Comércio	1,3	1,6	-0,7	-12,6	-12,7	-10,3	-8,2	6,1	13,4
Informática, financeira, serviços a empresas	4,6	2,2	1,6	-4,7	-6,8	-0,8	0,9	9,1	10,4
Transporte	6,5	3,3	2,0	-9,9	-14,0	-11,5	-9,0	4,6	12,6
Serviços pessoais	2,3	4,7	2,3	-17,6	-20,5	-18,3	-17,4	3,5	8,8
Administração pública	-1,2	0,1	0,3	3,2	1,3	1,9	-3,0	-3,0	-3,7
Saúde e educação	3,1	1,8	4,8	-0,1	-5,4	-2,1	-0,6	-0,2	4,3
Alojamento e alimentação	2,8	5,7	-1,3	-26,1	-30,3	-27,6	-26,3	8,8	26,5
Serviços domésticos	1,5	2,3	-2,1	-25,6	-27,8	-23,8	-18,6	9,0	21,3

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já a desagregação da variação interanual da população ocupada setorialmente por posição na ocupação, no terceiro trimestre de 2021 (tabela 3), revela que a tendência observada no agregado se repete na grande maioria dos setores, ou seja, maior crescimento do emprego informal *vis-à-vis* o emprego formal. À exceção do setor de serviços pessoais, todos os demais setores registram um crescimento anual da população ocupada maior no segmento de empregos sem carteira assinada do que no segmento de empregos com carteira assinada. Nota-se ainda que, dos treze setores considerados, apenas um deles (alojamento e alimentação) registra crescimento anual do emprego formal superior a 20% no terceiro trimestre de 2021. Já no que diz respeito ao crescimento anual do emprego sem carteira, temos seis setores registrando valores superiores a 20%.

TABELA 3  
População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (3º trim./ 2021)  
(Em %)

	Com Carteira	Sem Carteira	Conta-Própria
<b>Total</b>	<b>5,9</b>	<b>18,5</b>	<b>18,4</b>
Agricultura	7,2	8,8	12,0
Indústria transformação	8,7	22,6	22,7
Indústria extrativa	6,3	22,5	-39,0
SIUP	-12,5	-9,7	-25,0
Construção civil	19,2	22,5	20,2
Comércio	8,8	26,8	18,7
Informática, financeira, serviços a empresas	7,3	18,8	20,9
Transporte	8,7	18,9	15,2
Serviços pessoais	-4,0	-1,8	16,3
Administração pública	-4,9	0,9	-
Saúde e educação	2,0	8,8	27,6
Alojamento e alimentação	22,0	39,2	25,9
Serviços domésticos	4,0	28,1	-

Fonte: PNAD Contínua/ IBGE e Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

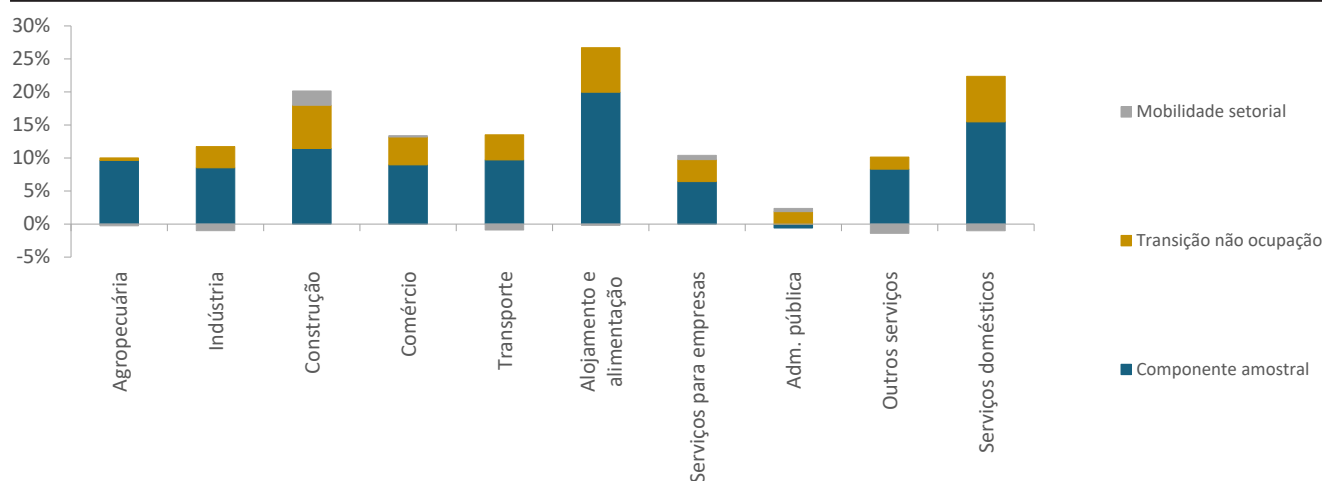
Obs.: 1. Empregados com carteira, militares e estatutários.

2. Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração

É interessante observar uma heterogeneidade nessa dimensão entre os setores destacados por apresentarem crescimento anual da população ocupada acima de 20%. De um lado temos o setor de serviços domésticos com a maior diferença registrada entre o crescimento anual do emprego formal (+4,0%) e do emprego informal (+28,1%). De outro lado temos o setor de construção civil com uma das menores diferenças entre o crescimento do emprego formal (19,2%) e do emprego informal (22,5%).

Visando aprofundar a análise da variação da população ocupada, o gráfico 22 retrata as taxas de variação interanuais da ocupação por setores, desagregando-o como a soma de três componentes: saldo envolvendo trabalhadores que permanecem ocupados, mas trocam de setor de atividade (mobilidade setorial); saldo envolvendo trabalhadores que transitam entre a não ocupação e o respectivo setor de atividade (transição não ocupação); e um componente residual (componente amostral), que contempla tanto ajustes nos fatores de expansão dos trabalhadores no respectivo setor como a diferença entre as entradas e saídas da amostra da PNAD Contínua, tendo o setor de referência como ponto de entrada ou saída.

**GRÁFICO 22**  
**Decomposição da variação interanual da população ocupada (3o trim./ 2021)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Obs: “Componente Amostral” inclui ocupados que entraram/saíram da amostra. “Transição não ocupação” inclui indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação e vice-versa. “Mobilidade setorial” inclui indivíduos que permaneceram ocupados e mudaram de setor econômico.

O primeiro ponto a ser destacado é que a mobilidade setorial teve relevância limitada em todos os setores. Já o componente relacionado à intensidade com que o referido setor tira pessoas do não emprego (quando positivo) ou leva as pessoas para essa condição (quando negativo) se revela mais importante, contribuindo sempre para um crescimento positivo do emprego em todos os setores, ou seja, retirar pessoas do não emprego. Porém, com exceção da administração pública, a relevância desse componente é sempre inferior à registrada para o componente residual.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Fábio Servo  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Sandro Sacchet de Carvalho

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter  
Andreza Aparecida Palma  
Cristiano da Costa Silva  
Felipe Moraes Cornelio  
Paulo Mansur Levy  
Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Caio Rodrigues Gomes Leite  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Simplicio Ferreira  
Izabel Nolau de Souza  
Marcelo Lima de Moraes  
Pedro Mendes Garcia  
Rafael Pastre  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.